

A MULHER NA CONSTITUINTE

Muito debate e pouco público

Valério Ayres

O painel promovido pela Editora Abril, **A Mulher na Constituinte**, realizado ontem à tarde no Centro de Convenções como parte do programa do 1º Encontro de Mulheres — Integração Brasília, não atraiu grande número de participantes apesar dos nomes de peso lá presentes ligados à questão da mulher no Brasil. Da mesa-redonda fizeram parte a jornalista e feminista Marina Colassanti; a diretora de redação da revista Cláudia, Cristina Duarte; as deputadas Moema São Thiago (PDT-CE) e Beth Azize (PSB-AM) e a presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, Jacqueline Pitanguy.

Antes do início do painel, elas falaram a imprensa a respeito de suas expectativas em relação à Assembleia Nacional Constituinte referindo-se às propostas que envolvem os interesses das mulheres brasileiras. A mais bombástica em suas opiniões é a deputada Beth Azize que chega a afirmar que o presidente da Câmara e da Assembleia Constituinte, deputado Ulysses Guimarães "é o protótipo do machista" e que o presidente da República, José Sarney "é a negação de tudo que o movimento das mulheres pretende mudar nos conceitos obsoletos incrustados na nossa legislação".

Pouco avanço

Beth Azize afirma que na mesa da Constituinte não tem mulher na sua composição e na mesa da Câmara só existe deputadas suplentes. "Nem mesmo na diretoria executiva dos partidos majoritários como o PMDB, se vê mulheres". Portanto, para ela, não existe grandes avanços em relação à mulher na Constituinte e, em alguns casos, há claramente um retrocesso movido por uma facção de parlamentares interessados em manter "certos aspectos conservadores de nossa sociedade".

Já a deputada Moema São Thiago acha que os 5% das mulheres que compõem a bancada da Constituinte têm tido uma atuação "bastante boa". Ela diz que das 24 mulheres parlamentares, 20 têm votado nas propostas mais progressistas. "Muitos parlamentares esperavam que a mulher na Constituinte tivesse uma postura passiva e está acontecendo justamente



ao contrário; ela está tendo uma participação ativa que chega a incomodar certos segmentos lá de dentro".

Marina Colassanti tem duas posturas em relação a Assembleia Nacional Constituinte: um como feminista e profissional ligada ao trabalho de grupo de mulheres e outra como mulher cidadã. "A primeira tem uma expectativa otimista quanto às propostas encaminhadas para elaboração da nova Carta. O nosso trabalho foi muito intenso mas tem dado frutos". Como cidadã, acha que o povo brasileiro está pensando que

a próxima Constituição servirá como santo milagreiro — "um novo padre Cícero que salvará o País".

Propostas claras

Marina afirma que não é jurista para fazer uma análise mais elaborada dos itens que dizem respeito à questão da mulher. "Mas acho que as propostas estão bastante claras pois refletem o que as mulheres pretendem. O País, num todo, está muito atento. Agora, não podemos nos iludir que as relações homem-mulher irão mudar

de uma hora para outra. Isto é trabalho para muito tempo" — garante a feminista.

"Nada ficará definido na Constituinte. O debate em torno das questões da mulher deverá prosseguir". A opinião é de Cristina Duarte, que acha também que o comportamento da sociedade brasileira ainda não sofreu grandes avanços apesar da maior liberação dos conceitos. "A sociedade, por sua própria necessidade, forçou mudanças no comportamento da mulher. Mas dizer que alguém tenha feito a cabeça dela, eu duvido" — questiona Cristina.